Pressupondo um consumo animal da raiz em nível nacional da ordem de 60% do total produzido, a Conab estima que, em 1993, foram produzidas cerca de 1,5 milhão de toneladas de farinha de mesa. De acordo com a mesma fonte, no ano passado o preço real médio da farinha no atacado de São Paulo foi 12,5% inferior ao de 1992, ano em que a produção da raiz declinou cerca de 10% em relação ao nível dos dois anos anteriores.

As safras de 1992 e 1993 foram praticamente equivalentes e alcançaram níveis apenas regulares, mas em 1993 houve uma certa inibição na evolução dos preços da farinha em relação a 1992. Isso porque a seca do Nordeste provocou desemprego e redução no nível de renda da região, principalmente na zona canavieira.

ELIANA CONDE B. VIGLIO

ACEROLA

Setor agroindustrial impulsiona a produção

Alvo de campanhas de divulgação na década de 80, visando a disseminar o plantio e o consumo, a acerola foi popularizada basicamente em função do seu elevado teor de vitamina C. Mas quem de fato está se encarregando de sua expansão em termos de área cultivada é o setor agroindustrial. Ainda que os projetos tenham forte caráter experimental, as empresas vêm paulatinamente consolidando e ampliando seus mercados, tanto no nível interno como no externo, na esteira de uma crescente demanda mundial por produtos saudáveis e naturais.

As informações sobre a atual área de cultivo são em geral obtidas com as próprias agroindústrias, uma vez que o sistema oficial de extensão não dispõe de dados. Além disso, esse é um dos poucos segmentos agroindustriais em que a verticalização tende a ser predominante, ou seja, os plantios em geral pertencem às próprias empresas processadoras. Isso parece estar relacionado à elevada perecibilidade da fruta, o que torna difícil para a indústria controlar o manejo pós-colheita em áreas contratadas com terceiros. Visto que o mercado internacional é extremamente rigoroso quanto a padrões sanitários e qualitativos no comércio de frutas tropicais e derivados, a empresa tem de exercer um eficiente controle sobre a qualidade do produto destinado à exportação, sobretudo aqueles cujas características organolépticas se alteram rapidamente após a colheita.

Acerola
Custo de implantação — sem irrigação

Anos	Custo (US$/ha)	Produtividade (kg/ha)
1	2,429	—
2	1,729	10,000
3	1,868	15,000
4	1,977	20,000

Fonte: Codevasf (Projeto Nilo Coelho — Petrolina — PE).

Uma totalização aproximada da área ocupada com a lavoura em 1993 indica que foram empregados no mínimo cerca de 1.700 hectares, considerando apenas os plantios vinculados direta ou indiretamente ao setor agroindustrial. A Caju do Brasil S.A. (Cajuba), considerada a maior produtora individual no Brasil, possui cerca de 450 hectares na Bahia. No Rio Grande do Norte localizam-se importantes projetos, como o da Mossoró Agroindustrial S.A. (Maisa), que ocupa cerca de 450 hectares na chapada do Açu. No vale do rio São Francisco haveria cerca de 300 hectares plantados, 200 dos quais integrados à Nischirey do Brasil Agrícola Ltda., que opera sem produção própria. Há também um importante pólo produtor em Castanhal, no Pará, pertencente à Cooperativa Agrícola Mista da Amazônia (Copama), com cerca de 200 hectares plantados, sendo a maior parte da produção destinada à exportação. Os grupos Utiara, Frutos do Brasil Ltda. (Brasfrut) e Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta) são outros exemplos de empresas que também investem na fruta, mas em menor escala.

Remuneração baixa nas áreas contratadas à indústria

Nos perímetros irrigados do vale do rio São Francisco, a remuneração média que o agricultor obtém com a fruta está em torno de US$0,40 por quilo do produto de primeira (maiores e mais vermelhos) entregue à indústria. Mas essa remuneração é baixa, considerando que a produtividade média fica em torno de 20 toneladas/hectares/ano (o que ocorre a partir do quarto ano, quando a produção se estabiliza) e que os custos operacionais levantados pela Codevasf são de aproximadamente US$1.977 por hectare, a partir do quarto ano (ver tabela).

No que se refere ao mercado internacional, o Japão é um mercado promissor, mas muito exigente e de difícil penetração. Os japoneses preferem adquirir a fruta congelada *in natura*, devido à preocupação em evitar alterações por perda de vitaminas ou mudanças na coloração, o que pode vir a ocorrer com o esmagamento. A Alemanha, outro grande mercado em potencial, tem aumentado gradativamente as suas compras de polpa, que é utilizada para a produção de *mixed juice*, uma mistura de diversos sucos de frutas muito apreciada na Europa.

ELIANA CONDE B. VIGLIO

VINHOS

Os vinhos brancos de 1994 foram considerados muito bons

O mercado de vinho e derivados surpreendeu por sua boa movimentação, desde o ano passado. De acordo com dados da União Brasileira de Vitivinicultura (Uvibra), em 1993 foram comercializados 292,3 milhões de litros dessas bebidas, sendo 201,2 milhões de litros dos vinhos comuns, o que representou 69% do total.

Os vinhos de viníferas tiveram 43,9 milhões de litros vendidos (15%) e os especiais totalizaram 1,85 milhão de litros. As vendas totais do ano passado superaram em 16% as de 1992, quando se comercializaram 252,6 milhões de litros (180 milhões dos comuns — com 71% do total —, 34,8 milhões dos vinhos de variedades viníferas e 0,9 milhão dos especiais). Ainda não foi igualado o movimento de vendas realizado em 1986 (314 milhões de litros), ano do Plano Cruzado, mas é importante ressaltar o crescimento. Isso demonstra que o subsetor superou o temor da integração das economias do Cone Sul, que prenunciava dias difíceis. Evidentemente, continua sendo feita a reconversão da viticultura, mas no que se refere à vinicultura, há muitos anos o padrão tecnológico aqui implantado permite compensar quaisquer deficiências das frutas. Permanecem, porém, expectativas quanto ao comportamento dos produtores argentinos, desejosos, segundo a Uvibra, de colocar no mercado brasileiro vinho de qualidade inferior a granel, para a produção de vinho comum.

A boa participação dos vinhos de cepas européias constitui um fator positivo. Chegaram ao país nos anos 70 e se disseminaram no Rio Grande do Sul, chegando também ao vale do rio São Francisco, onde a empresa produtora da marca Botticelli cultiva seis variedades asiáticas e européias (Sylvanner, Cabernet Sauvignon, Moscato Canelli, Chenin Blanc, Sauvignon Blanc e Petite Sirah).

Os vinhos de 1994 entraram no mercado no segundo semestre, quando os consumidores começam a degustar o bom tinto da safra de 1991.

Os primeiros vinhos produzidos foram os brancos de variedades precoces e, segundo o Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho, da Embrapa, sediado em Bento Gonçalves, os deste ano estão sendo considerados muito bons. As uvas viníferas entraram mais tarde nas cantinas, e sabe-se que o processo industrial exigirá correção, pois apresentaram baixo teor de açúcar, em razão das chuvas de fevereiro, na Serra Gaúcha. No segundo semestre, o produto da vindima de 1994 começou a ser encontrado com maior disseminação na ponta final do consumo. Os vinhos tintos da safra de 1991, considerados excelentes, também entraram no mercado. Espera-se que a estabilização da economia tenha efeito favorável sobre o consumo, mas permanece a necessidade de campanhas promocionais, ainda mais quando se leva em conta a confirmação dos cronogramas das tarifas alfandegárias do Mercosul. Sempre houve o